

OS JOVENS EM UM MUNDO INSTÁVEL

GIL VILLA, Fernando. *Juventud a la deriva*. Barcelona: Ariel, 2007.

Wladimir Cerveira de Alencar¹

Quando se relembra o passado dos dias de juventude é comum o ato ser seguido de uma crítica à juventude atual. A impressão de muitos adultos é de que as gerações passadas não se comportavam de maneira tão errática, tão fora do eixo e inconsequente. A questão que se coloca é: isto de fato é real ou meramente uma armadilha da memória afetiva de sobrevalorização de dias outrora vividos? Os jovens dos dias atuais se comportam, de fato, pior do que antes? Rompem mais normas? Estão menos dispostos a seguir regras? Estes questionamentos foram enfrentados na obra de Gil Villa que pretende, nas palavras do próprio autor, “desmistificar múltiplos mitos”, e proporcionar informação útil sobre a realidade da juventude.

Nos últimos anos na Espanha o número de adolescentes que consomem bebidas alcoólicas no fim de semana aumentou. Além disso, a idade média destes jovens também diminuiu. E também são cada vez mais os jovens que praticam violência física contra objetos e pessoas. Sob o ponto de vista de Gil Villa, o consumo de drogas e a ruptura de normas estão diretamente relacionados, ambos são consequências da problemática situação dos jovens nas sociedades atuais.

Sem pretender fazer uma avaliação psicológica das razões individuais que levam os jovens a conduta de rompimento de normas, o autor busca dar uma perspectiva inversa sobre a problemática envolvida em este fenômeno, enfoca para

¹ Cientista político e social pela UFRJ. Doutor pela Universidad de Salamanca. Professor de Antropologia Cultural e Organizações e Sociedade do curso de Gestão de RH da Uniabeu e professor de Sociologia da Universidade Cândido Mendes.

isto o problema nos contextos em que se desenvolvem: a família, a escola, a igreja e, em geral, uma sociedade que oferece consumo para preencher seu tempo livre.

Gil Villa propõe ao leitor que imagine a juventude como se estivesse em um barco com os instrumentos de orientação avariados, a deriva. Sugere, então, analisar os movimentos deste barco, seus pedidos de auxílio, a carga que transporta e como a utiliza. De maneira que através da metáfora indicada pretende analisar o jovem espanhol em uma perspectiva de século XXI em uma sociedade global e que é caracterizada por um perfil forte de instabilidade.

A partir da utilização de dados oficiais disponibilizados por pesquisas com jovens do governo espanhol, Gil Villa estabelece algumas hipóteses sobre a questão: 1) os jovens espanhóis atualmente consomem mais bebidas alcoólicas do que antes, e tal afirmação não pode ser refutada pelo velho dito que “não há nada novo sob o sol” - em outras palavras, que isso não é novo e que sempre foi assim - pois a curva ascendente de consumo nas pesquisas de acompanhamento do governo identifica uma nova fase nos últimos anos; 2) o entendimento de que os jovens bebem como símbolo de rebeldia típica da fase de adolescente também é refutado pela tese defendida pelo autor; 3) defender que somente “certos” tipos de jovens bebem, por exemplo, homens mais que mulheres, mostra-se uma ideia equivocada, na medida em que os indicadores de consumo alcoólico entre jovens mostra que tal fenômeno afeta, em igual intensidade, centros urbanos e rurais e ao jovem proveniente de todo tipo de formação familiar; 4) afirmar que tal fato afeta mais a cidade do que jovens que vivem em regiões rurais também se identifica como incerto, posto que o hábito é identificado na pesquisa como sendo comum a ambos os entornos.

As ideias iniciais apresentadas pelo autor também podem ser analogicamente aplicadas à realidade brasileira, considerando que as estatísticas oferecidas pelo monitoramento pelo governo federal também indicam a mesma tendência de consumo de álcool, por exemplo, entre os jovens do Brasil.

Pode-se afirmar que os jovens de cada época compartilham um conjunto particular de experiências, mas nem sempre e em todas as sociedades estas experiências serão vividas de forma igualmente problemáticas, no entanto. O livro de

Gil Villa tenta definir a situação problemática em que se encontram os jovens nos dias atuais. Parte-se do entendimento de que o fato de a adolescência ser um período instável do ser humano, compreendida desta maneira tanto pela sabedoria popular, como também por estudos psicológicos científicos, que normalmente está associada a um padrão de comportamento tendente a ruptura de normas, a problemas como a figura da autoridade e com a lei e com todo tipo de norma, mostra-se agravado em uma perspectiva atual, notada especialmente quando é feita uma análise comparativa da curva de ruptura de normas nos últimos trinta anos na Espanha.

O principal objetivo da obra, assim, é demonstrar quais fatores contribuem para o agravamento desta situação. O autor adverte que vivemos uma nova etapa histórica, que muitos chamam de pós-modernidade, onde os jovens não criam seus próprios problemas, mas compartilham os problemas dos adultos em um contexto social onde os papéis sociais já não são bem definidos como outrora. O que se pretende demonstrar, em termos diretos, é que a responsabilidade dos atos delitivos e problemáticos dos menores de idade não é tão sua como normalmente é em casos de condutas deste tipo praticadas por adultos, de modo que esta responsabilidade também deve ser compartilhada pelos adultos.

As causas apontadas pelo livro para a problemática vivenciada pelos jovens vão mais além do que meramente os sintomas do mal estar da pós-modernidade, passa igualmente pela instabilidade social e a falta de apoios tradicionais, como a família e a religião. Para o autor, no contexto espanhol, ambas as instituições entraram em forte crise. A instabilidade e o egoísmo – entendido não como qualidade moral negativa, mas como preço obrigatório em direção à auto-realização pessoal dos adultos, o niilismo social, típicos das sociedades ocidentais, terminam por deixar crianças e adolescentes sem capital social de referência.

Apesar de reconhecer o papel determinante desempenhado pela família, o autor não deposita nesta a responsabilidade e culpa por todos os problemas vivenciados pelos jovens, tendo em vista que a família é uma instituição mais dentro da sociedade, e está conectada com diversas outras, tais como, a escola, a religião, os meios de comunicação, o trabalho, o ócio, ou outros tipos de iniciativas comunitárias.

Aponta, então, que os problemas dos jovens derivam de uma combinação da atuação de todas essas instituições, e que apenas com arranjos integrados em todo o conjunto social será possível melhorar com algum êxito o seu mal estar e seus sintomas – e consequências.

A modo de conclusão, o autor propõe ao leitor um exercício de imaginação: sugere os leitores se imaginem cientistas navegando no mar em busca de um fenômeno que se considera problemático e que se deseja investigar: um iceberg, o iceberg da juventude contemporânea. O que é possível ver quando se aproxima? Jovens consumindo drogas legais.

A questão que se destaca é: sabemos que a maior parte do iceberg se encontra submergida. Se mergulharmos a examinar o iceberg, o que iremos encontrar? Jovens rompendo com certas normas. E com uma câmera oculta poderíamos ver, por exemplo, o absentismo escolar, cenas de vandalismo, brigas ou assédio moral, assim como pequenos furtos e delitivos de menor potencial ofensivo.

Supondo que recolhemos amostras do gelo para examinar, isto é, o material do qual está feito o problema. Usando um martelo para observar as diferentes camadas, o que veremos? Adultos se comportando de maneira semelhante aos jovens, ou seja, consumindo grandes quantidades de drogas legais e rompendo com as normas uma vez mais, porém, logicamente de forma oculta. E se conseguirmos chegar ao centro da montanha de gelo, o que encontraríamos? Se conseguíssemos chegar ao núcleo do problema, o que veríamos ali? Um mundo instável. Segundo o autor, este é o nosso mundo, o mundo não apenas da globalização, mas também da pós-modernidade, o mundo onde a dúvida vence a certeza, onde a suspeita vence a confiança, onde a reflexão vence a ação, onde a ansiedade vence a felicidade.

Através da análise das estatísticas do estudo foi possível determinar uma relação importante entre consumo de drogas legais e ruptura de normas. Os jovens que bebem com maior excesso são também aqueles que mais praticam o vandalismo. A figura da autoridade entre os jovens também se mostra em crise, ainda que o autor alerte que uma resposta autoritária com a adoção de uma política de “mão dura”

pode, eventualmente, ao invés de ajudar a resolver a questão, gerar efeitos contraproducentes.

A sugestão proposta pelo autor passa pela ideia da adoção de políticas sociais que possam alcançar o equilíbrio entre a liberdade e o exercício da autoridade, e essa busca também deve se estender aos pais e professores que lidam com jovens. Em especial, os pais devem refletir sobre o controle que exercem sobre os filhos, sobre as normas que obrigam seus filhos a obedecer, sobre o tempo que compartilham com eles e principalmente sobre os modelos de comportamentos egoístas que oferecem dentro do universo familiar.

De forma geral, pode-se dizer que o livro aposta por uma solução educativa para o problema da juventude atual, a ênfase foi dada em uma intervenção educativa, prioritariamente, mais do que a familiar, a terapêutica ou legal. Destaca-se ainda a aposta por uma melhor educação para o ócio, para converter o tempo livre que se vive de forma negativa em lazer destinado ao desenvolvimento pessoal.

A liberdade também aparece como um tema nevrálgico para a juventude. Na perspectiva do autor, a liberdade deve ser entendida dentro de uma perspectiva de educação, de modo que os jovens possam compreender como desfrutar de sua liberdade da melhor forma possível, sem se perder entre as distrações e temores de um mundo instável.

Recebido em 17 de abril de 2015.

Aceito em 26 de junho de 2015.